

Sobre mim um verso que eu não escrevi

MARIA HELENA TEIXEIRA (2017). *Sobre mim um verso que eu não escrevi*. Coimbra: MinervaCoimbra, 144 p.



Da maior parte dos poemas reunidos no último livro de Maria Helena Teixeira, *Sobre mim um verso que eu não escrevi*, poderíamos dizer que são equivalentes escritos da aguarela, pintura leve que joga com a água e a transparência das cores com subtileza e cuidado. Ora, logo a capa nos convida a olhar o livro muito favoravelmente: oferecida por Mário Silva à autora, esta aguarela anuncia a musicalidade dos poemas que se seguirão, entre os quais encontraremos inúmeros “marinhos” no sentido pictórico da palavra. Acontecia outrora vermos um turista tirar do seu bolso, não um *smartphone*, mas um caderno onde desenhava o que via em vez de o fotografar cegamente. Maria Helena permaneceu fiel a esta prática (do papel, do lápis e do olhar) pelo menos no que diz respeito às suas paisagens interiores, delas fazendo enigmáticos guaches, que oscilam entre a representação figurativa do mundo e a reconstituição abstracta dos estados de consciência.

O título anuncia um *verso* (aliás truncado do seu verbo de acção, o que modifica e torna mais ambíguo o sentido), mas a que chamamos um verso, hoje que as regras da métrica foram abolidas com a rima? Uma linha apenas sobre o papel branco, e sem vírgulas, como uma máxima tão imperiosa quanto arbitrária. Uma linha apenas, tão singela, onde o poeta nem pode já socorrer-se do arranjo mecânico dos pés ou dos agrupamentos silábicos, e por detrás da qual se vislumbra e se esconde o essencial de si.

E apesar da impressão de liberdade ou de facilidade que esta linha pode dar ao profano, o verso preserva a função que lhe reconhecia, numa expressão muito sugestiva, o filósofo Etienne Gilson: «le vers est là pour

empêcher le poète de parler », o verso existe para impedir o poeta de falar, ou melhor ainda de tagarelar, de palavrear, o verso existe para dar conta desse estado de comoção, de revolta ou de deslumbramento que transporta o poeta para além do trivial e do prosaísmo que existe nas trocas entre mim e os outros, entre mim e o mundo, entre mim e mim. É por isso que a Maria Helena que conhecemos na sua habitual afabilidade não é mais aquela que encontramos por detrás do sujeito de enunciação que fala aqui na primeira pessoa.

O sujeito lírico, sem ser o «eu profundo» ou inconsciente da psicologia, sem ser uma máscara ou uma ficção (segundo a fórmula modernista do «poeta fingidor»), é a voz que se faz ouvir em nós pela graça de uma emoção criadora e com a ajuda de palavras que podem não ser as de todos os dias: o desassossego, a esperança, o destino, o silêncio, o anjo, a tristeza, a paixão, o vazio, a imperfeição, a mística, a alucinação, a miragem, a angústia, a impotência, a ansiedade e sobretudo a alma, a alma de quem escreve e a alma de quem lê, a alma do poeta e a alma do mundo.

E mesmo os vocábulos aparentemente refractários à poesia se tornam aqui poéticos, na voz desta química que conhece os segredos da alquimia do verbo: palavras como formato, eclética, parágrafo, positivismo, estatuto, espectro químico, fenómeno, genética, paradigma, átomo, molécula, chuva, torradeira cuja tecnicidade ou prosaísmo teria banido da ode clássica ou romântica mas que a pressão do contexto arrasta aqui no movimento do poema.

Devo uma alusão ao breve prefácio assinado por Júlio Machado Vaz: a perspicácia do psicanalista levou-o a destacar dois traços essenciais, tirados de duas citações extraídas do livro. Em primeiro lugar, a poesia como palavra que perturba e desorganiza o pensamento, como uma via de regeneração. Depois, a poesia como recusa da ilusão, em particular a da felicidade: «A escrita que não angustia é inútil». A poesia, quando não é um jogo frívolo, é com efeito a vida entrevista na hora da nossa morte. Por isso ela pode constituir uma espécie de julgamento, de visão panorâmica e retrospectiva, como a que experimenta quem se afoga ou cai no vazio.

Acabo de responder antecipadamente à primeira questão que gostaria de formular: por que razão ainda hoje lemos, e sobretudo porque lemos poesia, na era do digital? E a resposta deverá ser: ao mesmo tempo, para aprendermos a morrer e para aprendermos a viver melhor. Não deveremos pois temer que a poesia desapareça. O mundo em que vivemos, saturado de tecnologia, far-nos-á cada vez mais sentir a necessidade vital da “meditação poética” (como dizia o poeta Lamartine em outra época mas em sentido idêntico).

Quanto à segunda questão que nos deveremos colocar – por que se escreve hoje ainda poesia? – não pode tocar senão um muito reduzido número de seres, os que um talento particular colocou em relação íntima com a linguagem.

No caso de Maria Helena, a escrita manifesta um desejo de elevação, simbolizado pela asa do pássaro, tão presente nas suas imagens: trata-se sempre de se libertar da alienação quotidiana para agarrar do alto as referências que indicam a direcção, o destino, a orientação que seguimos por vezes sem saber, como no poema *E agora?*: «Mas é este o meu caminho / E eu não me posso perder / Tenho só de caminhar» (p. 41).

Em termos mais éticos, a poesia é um salvamento e uma reparação: em lugar de nos deixarmos levar pela *fluctuatio animi*, o fluxo dos estados psicológicos, submetendo-nos ao exercício poético como disciplina superior, como no *ikebana*, a arte japonesa da composição floral, visamos e, por vezes mesmo obtemos, uma recomposição psíquica de nós próprios. Observemos *en passant* que Maria Helena, assumindo a sua feminidade (contamos duas ou três rápidas alusões ao seu eu de mulher), dela não faz um atributo literário, e muito menos político: Maria Helena é um sujeito poético mais ainda do que um sujeito feminino.

E é sobretudo a imagem de uma ausência, da sombra de uma mulher que a atormenta, como vemos no poema da p. 89, *Na minha frente*. A sua poesia não é pois a projecção ou a reivindicação do ser mulher mas a palavra de todo aquele que vem ao mundo e que deve preparar-se para dele partir. É importante sublinhar este aspecto, pois estamos aqui não perante uma poesia feminista, mas em face uma poesia *tout court*. Aliás, a palavra poeta é originariamente feminina e Maria Helena Teixeira não ignora o papel de superego que desempenha a musa perante o ser empírico cativo do tempo e da ilusão.

Uma terceira interrogação deveria ser levantada pela dimensão reflexiva desta poesia onde o acto de escrever é regularmente tematizado. O poema torna-se o próprio objecto do poema, como o sonho se torna o objecto do sonho. É que o poema é um delírio, um curto delírio, autorizado, com a condição de que o identifiquemos como tal. E se não gostamos dos loucos na vida real, um pouco de loucura e de sonho acordado, sob a asa e a protecção da arte, só pode fazer-nos o maior bem. Por isso a autora pronuncia a palavra poema quando escreve coisas impossíveis de dizer e mesmo de pensar no curso normal das coisas da vida. Pois é certo que há uma indecência, uma inconveniência, um escândalo da poesia, mesmo nos nossos dias em que tudo parece poder ser mostrado ou expresso. Mas a poesia é bem diferente do Facebook ou do Twitter. O que a distingue não é o seu grau de sinceridade, mas o seu valor estético. Façamos o que fizermos, a poesia tem um pacto com a beleza, com a vontade

de beleza. E mesmo se me disserem que os critérios estéticos são mutáveis e que há uma beleza para cada momento da história e talvez até para cada cultura, senão mesmo para cada indivíduo.

Mas todo o trabalho do artista consiste em nos convencer de que a sua obra caminha para a beleza e dela nos aproxima, no surpreendimento de uma criação nova onde se revela sempre diferente, mas sempre também essencialmente a mesma. Maria Helena tem um contrato poético com a beleza que honra de livro em livro.

Daí a necessidade de revisitar, no início desta obra, os 6 livros precedentes e através de 6 fragmentos extraídos de *Instantes*, *A lua tem Frio*, *Asas e Sombras*, *Não me Ensines a Estrada*, *O Silêncio é um Rio*, *O Vento ainda Sopra*, sendo cada título precedido da data de publicação: 1999, 2001, 2005, 2009, 2012, 2016. Que significa este inventário (regular) senão a vontade de recapitular um itinerário estético e moral, de demonstrar uma necessidade de coerência e de ressonância espiritual? Longe de ser um abandono sentimental, a poesia é apresentada como uma procura concertada, e mesmo, como um esforço de clarificação.

A dedicatória ao Frederico «que me ensinou a ver a perfeição da claridade» deve ser interpretada ao pé da letra: há uma racionalidade da poesia, que não deve ser confundida com a *lógica das leis* ou com as *leis da lógica*, mas que nem por isso deixa de ser uma ordenação dos afectos à luz do espírito e da linguagem. Neste sentido, a poesia, como a filosofia, como a ciência (e nomeadamente, a química) é uma lente óptica que faz aparecer a verdade e por vezes – mas nem sempre – a beleza do mundo.

Estas reflexões surgiram no decurso de uma leitura atenta que fiz da obra. Tentar sintetizar ou sistematizar uma colecção de 61 poemas que, como os precedentes, jogam com a variedade dos temas e das tonalidades, trazendo à sensibilidade do leitor um alimento sempre diferente – e que cada um de nós saboreará à sua maneira - é tarefa impossível e forçosamente decepcionante. Pois é verdade que *Sobre mim um verso que eu não escrevi* acolhe o universo de tão diversas maneiras, como ocultação e metamorfose, como riso e alegria, como exaltação e abandono, dia e noite, força e impotência, lágrima e grito, como perfeição e imperfeição, escuridão e luz, muitas vezes como conflito e tensão a opor a harmonia de um mundo que aspira à *unidade*, à dor de quem nele inscreve um irremediável sentimento de perda.

A harmonia, creio encontrá-la na imagem poética da analogia, pois que tudo está em tudo e entre tudo há troca, interpenetração, osmose, e o universo e a natureza se oferecem como uma teia de sinais e de apelos onde o homem se inscreve sem ruptura. E nada aqui se perde, tudo se renova, porque tudo

é promessa de tudo novo, como no poema *Adormeci a pensar*: «E depois?... Depois... / Vou ficar a espera de me recriar / E sonhar com uma esperança renovada / Adormeci a pensar» (p. 93).

A dor, essa, está na vivência da separação, na nostalgia do irrecuperável, em tudo o que irreversivelmente se quebrou, na saudade do pai, na ausência, na ruga, no tempo que passa, no silêncio, no gesto do quotidiano, quem sabe no verso que sobre ela paira e que sobre ela não escreveu.

Gostava, antes de concluir, de me concentrar em um dos poemas em prosa que a obra também acolhe. Escolhi *Natureza*, texto verdadeiramente admirável que me parece poder aproximar-nos da *rêverie* – ou mais precisamente da vontade de *rêverie* – da escritora. Contrariamente a outras peças que evocam sentimentos, como a nostalgia, a angústia, o tédio, a tristeza (cores afectivas aqui dominantes), através de alusões ao mundo natural, mar, céu, vento, lua, luz segundo a lei que quer que uma paisagem seja um estado de alma (e inversamente que um estado de alma seja uma paisagem), o texto sobre o qual paro não releva de uma poética do ar nem da água, mas antes de uma poética da terra, para retomarmos as categorias da filosofia da imaginação de Gaston Bachelard.

É legítimo pensarmos que o maior sofrimento do poeta, e o de cada um de nós (pois que o poeta é nosso porta-voz), reside na flutuação da alma de que há pouco falava e que faz de nós seres instáveis e frívolos. Como, por contraste, não ver no crescimento e na estatura da árvore uma lição de sabedoria? Mas a poeta não se dirige à árvore para lhe pedir conselho: mais do que simpatizar ou viver com a árvore, o sujeito poético faz-se árvore, preservando um pouco da sua consciência humana, esse mal do pensamento de que gostaria de ser curado. Ser árvore é viver plenamente a vida, agarrar a plenitude das coisas, do instante e do ciclo cósmico, num êxtase material que não deixa mais nada para desejar: toda a minha subjectividade, desejos, sonhos, arrependimentos, mágoas, toda a minha subjectividade desligada de mim, ajuda-me a melhor penetrar o sentimento da terra. A metamorfose culmina no abandono do pensamento ao ser telúrico e silencioso da terra: o movimento de um baloiço pendurado na árvore faz-nos compreender quanto a nossa perpétua inquietude nos impede de aceder à serenidade indecifrável da árvore:

A Natureza é esse Universo onde há tantos anos aprendi serenamente a ser árvore, procurando esfregar na terra o meu próprio rosto.

As raízes cresceram firmes, o tempo foi corroendo o tronco, mas as folhas da árvore crescem viçosas à roda desta paixão... quase mística alucinação de sentir a vida com a fome de agarrar as coisas.

Sentir tudo de todas as maneiras, cada coisa a seu tempo nas quatro estações da alma que o corpo às vezes não consegue acompanhar.

E tudo em mim será sentir a terra bem molhada pelos sentimentos pelas emoções pelo desejo das coisas impossíveis pela mentira dos sonhos pela saudade da realização não conseguida.

Largar o pensamento para que fique cativo nas flores nas pedras nos rios. Prender as mãos às cordas de um baloiço e no vai e vem perceber como é difícil interpretar os silêncios de um pensamento cativo.

Um tal poema, orquestrando a maior parte dos motivos do seu universo imaginário, bastaria para assinalar a força e a singularidade da obra inteira de Maria Helena Teixeira.

Cristina Robalo Cordeiro